

TENTATIVA DE REPRESENTAÇÃO DA CULTURA DO *OUTRO*: ANÁLISE DAS PERSONAGENS MAMA CECILE E PAPA JUSTIFY EM *A CHAVE MESTRA*

Felipe Santos da Silva¹

Resumo: Este trabalho propõe-se investigar como são construídas representações exóticas das práticas africanas e afro americanas no filme *A chave mestra* (*Skeleton Key*, 2005) do diretor Iain Softley através das personagens Mama Cecile e Papa Justify. Em *A chave mestra*, as personagens brancas Violet e Luke se apropriam de corpos menos envelhecidos através de rituais, objetivando manter a alma viva em outros corpos, o telespectador só sabe que por detrás de Violet e Luke são as personagens encarnadas e negras Papa Justify e Mama Cecile na última cena reiterando o caráter exótico e demonizado conferido às personagens negras ao longo do seu desenvolvimento narrativo. Infere-se, pois, que os elementos culturais/religiosos vitimados no processo colonizatório e pós-colonização sofreram demonização, seguidamente, foram estigmatizadas pelo cinema hollywoodiano. Partiremos da perspectiva de que o cinema *mainstream* de substrato eurocêntrico utiliza dos elementos de matriz africana e afro americana como mote para criar representações exóticas, atrelado ao gênero suspense e, dessa forma, perpetuar noções equivocadas das religiões oriundas dos países do continente africano. O gesto de interpretação será examinar como o entrelaçamento entre os elementos culturais são colocados em evidência na narrativa fílmica, prevalecendo no imaginário do público telespectador que as personagens antagônicas são Papa Justify e Mama Cecile, sendo que tal maldade está intrinsecamente ligada aos traços fisionômicos assim como suas práticas culturais-religiosas. Para agenciar esse exame de análise partiremos de uma abordagem dos Estudos Culturais e das reflexões-postulados de Bhabha (1998), Duarte (2002), Mignolo (2008).

Palavras-chave: Personagem. Papa Justify e Mama Cecile. *A chave mestra*.

INTRODUÇÃO

Os elementos culturais e religiosos vitimados no processo colonizatório e pós-colonização sofreram demonização, seguidamente, foram estigmatizadas pelos produtos da indústria cultural aqui, o filme cujo objeto será discutido. Partiremos da perspectiva de que o cinema hollywoodiano cuja gênese é eurocêntrica utiliza dos elementos de matriz africana e afro americana como mote para criar representações exóticas, e, dessa forma, propagar noções cristalizadas/estigmatizadas das religiões oriundas dos países do continente africano. Na primeira seção, será examinado como os elementos culturais e as personagens são colocados em evidência de modo maligno na narrativa fílmica, prevalecendo no imaginário-coletivo público telespectador que as personagens antagônicas são os negros Papa Justify e Mama Cecile. Na segunda seção reinterpretaremos o desfecho cênico a fim de refletir que ato de sobreviver em outro corpo simboliza uma resistência para com o processo de colonização e as reminiscências desta que detratou homens e mulheres negras e, na qual, as personagens principais Papa Justify e Mama Cecile a saber, foram vítimas por serem descobertos expressando *hoodoo* sendo queimados e enforcados como punição pela prática considerada demoníaca.

¹ Graduado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (DCH-IV), Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica UNEB), Linha de pesquisa 1: Literatura, Produção cultural e Modos de Vidas. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: felipe_ssilva@outlook.com.

CONSTRUINDO A NOÇÃO DE MALDADE ATRAVÉS DA CULTURA DAS PERSONAGENS MAMA CECILE E PAPA JUSTIFY

Embora o cinema, expressão sintomática da indústria cultural (Cf. DUARTE, 2002), tenha rearranjado as estratégias de representação em personagens negras através dos roteiros hollywoodianos, tais narrativas ainda repetem a velha ordem incrustada quando se refere a cultura do outro, este *outro* marcado pela diferença e reduzido pelo *modus operandi* do olhar eurocêntrico como exótico e demonizado. Em *A chave mestra* (*Skeleton Key*, 2005) do diretor Iain Softley, o mote narrativo se constitui em torno das personagens brancas Violet Devereaux e Luke que se apropriam de corpos menos envelhecidos, através do ritual *Conjura do Sacrifício*, cujo objetivo consiste em trocar de corpo e manter a alma viva. O telespectador só sabe que por detrás de Violet e Luke são as personagens negras Papa Justify e Mama Cecile, enforcados por volta de noventa anos, ao serem pegos expressando *hoodoo* nas últimas cenas. Desse modo, no decorrer da narrativa são construídas noções equivocadas das personagens e suas práticas culturais-religiosas, uma vez que, ambas são apresentadas como conjuradoras do mal. Dito isto, essa seção objetiva analisar como se prefigura a noção exótica nas personagens Papa Justify e Mama Cecile, reiterada do ponto de vista formal, por ângulos, enquadramentos e no âmbito temático pelo *hoodoo*, e cenas que transmitam o caráter exótico dos rituais. Por fim, analisaremos a forma de representação hollywoodiana das personagens negras que tendem a conferir-las protagonismo, porém, ratificando que essa maldade está intimamente ligada a raça, religião e cultura.

Numa das primeiras cenas de *A chave mestra*, o espectador é apresentado às imagens sacras da iconografia cristã compondo o cenário em primeiro plano, e, apesar do predomínio de cores escuras que acompanham a personagem Caroline, as mesmas são apresentadas sem estranhamento. Indo na contramão, as cenas que expressam a religião praticada pelos antigos empregados da casa, Papa Justify e Mama Cecile, estão envoltas de uma relação de tensão e sublimada com exotismo e demonização.

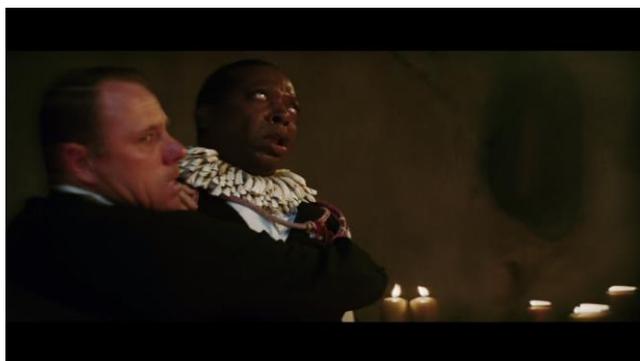


Figura 1.2



Figura 2.1

A sequência de imagens acima alude a cena na qual os empregados são flagrados expressando *hoodoo* pelos patrões. Algumas questões são circunscritas no limiar dessa cena como os traços fisionômicos das personagens, a obscuridade imposta pelo jogo de luz, a tensão estabelecida por tremores da câmera que promove no telespectador a sensação de medo e, por fim, a invocação do Demônio, sendo que a este fica o encargo de permitir a concretização do ritual. Desse modo, a composição dos elementos fílmicos supracitados contribui para uma tentativa hiperbólica em afirmar a maldade e ao mesmo tempo a imagem caricata da cultura do outro, seja pelos adereços no pescoço de Papa Justify, outrossim, pela atmosfera sombria, o objetivo proposto no filme é convencer o telespectador que aquela prática que está sendo expressa não comunga do bem, sobretudo, por *quem* está cultuando. É desse modo, que os estereótipos raciais bem como a imagem do homem e mulher negra forjados como representantes do mal se alicerçam por noções equivocadas e, respectivamente, eurocentradas. Como afirma Manthia Diawnara em *O espectador negro: questões acerca da Identificação e Resistência*, a “suspensão da descrença”² nem sempre é possível de ser aplicada quando se trata da implausibilidade dada aos corpos negros através da representação exaustiva que tende a polariza-las, mantendo o mesmo *status quo* impostos pelos ditames do discurso colonial.

É possível inferir que as personagens Papa Justify e Cecile são construídas a partir da noção equivocada da direção que consiste em reduzi-las enquanto personificação do mal. A narrativa fílmica traz inicialmente na condição de vilões as personagens Deveaux e Luke, mas, por trás desse estratagema a vilania é imposta a Mama Cecile e Papa Justify, uma vez que, Deveaux e Luke também foram subordinados e vítimas do ritual das personagens negras. Mais uma vez, esse olhar deturpado é erigido a partir dos construtores do roteiro sobre as práticas de raiz africana, bem como, da personagem que é vitimada (Caroline), pelas pelos algozes, seguindo a lógica postulada no filme, Papa Justify e Cecile. É nessa construção de categorias de protagonista

² Termo cunhado por Samuel Taylor Coleridge que designa o fato de enquanto lidamos com imagens/fatos ficcionais o telespectador saiba separá-las da maneira de responde-las se as mesmas fossem reais

e antagonista, que algumas questões entram em choque com o direcionamento proposto pela narrativa, talvez, a mais evidente seja da direta relação de violência expressa pelas personagens brancas no que diz respeito e centradas nos empregados da casa, em contrapartida, linearmente, a câmera guia-nos nesse olhar equívoco para que acreditemos que o mal são as personagens que estão expressando seus ritos, na ótica fílmica, enquanto é feito o ritual as personagens negras espasmodicamente gesticulam e reviram os olhos, além de uma matriz preta e branca da cena, tudo isso, para representar esse sobrenatural, ou este mal.

A questão nuclear apreendida de *A chave Mestra*, parte de uma estreita relação entre o poderio eurocêntrico e os resquícios da colonização, uma vez que, ambas estão imbricadas e utilizam da cultura negra e suas práticas culturais, tendo em vista, vender e propagar noções exóticas, mantendo o *status quo* no que diz respeito a expropriação e violência infringida aos corpos negros, práticas e sistemas de crenças que sofreram no transcorrer no processo colonizatório. Em *Crítica e imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*, Ella Shoat e Robert Stam afirmam que um dos mecanismos utilizado pela indústria de entretenimento é representar o *outro*, este outro deve ser assujeitado a essas representações das quais lhe impõem “regimes de verdade” (2006, p. 44, grifos dos autores) e desse modo, tendem a encapsulá-lo, servindo, para reiterar esse olhar hegemônico a partir dos estereótipos e mitos relacionados aos países do continente africano dos quais partes da indústria cultural continuam a perpetuar. Desse modo, uma das interpretações atribuídas ao título da narrativa fílmica *A chave mestra* é o enfoque representativo que tende a nomear, esquadrihar e violar os sujeitos a partir de uma identidade forjada e exótica. Dito de outro modo, as personagens Mama Cecile e Papa Justify fazem parte desse jogo de representação imposta de vilão, mas, essa categoria é reiterada não a partir da maldade inerente aos vilões enquanto categoria formal da narrativa, mas por estarem diretamente atreladas a cor, traços fisionômicos e suas práticas *hoodoo*.

Em *O local da cultura*, Homi Bhabha, assevera acerca do conceito de fixidez atrelada ao modo de representação deturpada das culturas como estratégia estabelecer “rigidez e ordem imutável das coisas”. Essa questão acena para o modo de representação utilizado pela indústria cultural a fim de trazer para o centro das narrativas personagens negras colocando-as na condição de protagonista, mas atentamente essa tentativa de visibilidade é introjetadas por mecanismos que continuam a perpetuar este olhar europeu sobre as identidades africanas e seus descendentes quando não para reiterar uma sexualidade infrene, propõe uma acentuada degeneração desses corpos assim como demonização de suas práticas e ritos religiosos. Essa rede simbólica de violência por vezes passa incólume, sendo suplantada pela novidade de colocar personagens negros e negras para ocupar o papel de protagonismo, porém, numa análise atenta, é possível inferir que essa perpetuação do olhar eurocêntrico continua a figurar essas identidades

por vezes, polimorfa mas já estão cristalizadas na condição de perpetuar no âmago essa visão deturpada deste outro, estigmatizado e reiterado por esses micro poderes que são oriundo da construção do mito do Ocidente (nota para falar do texto de Stam).

Do ponto de vista tautológico, essa tentativa do cinema hollywoodiano representar a cultura do *outro* este outro estigmatizado e violentado através desses produtos culturas que reiteram a demonização da suas práticas, é arrefecido pela possível escolha das personagens brancas para figurar a quase totalidade dos eventos narrados, mas, as cenas que transmitem esse caráter de medo, do mal através de gestos fisionômicos, conjuras que remetes a Satã ficam a cargo de Mama Cecile e Papa Justify, essa relação é direcionada à eles. Nesse sentido, essa forma de racismo inferencial conceito chave de Stuart Hall e apresentado por Stam consiste em “representações aparentemente naturais de eventos e situações [...] que remetem a premissas e proposições racistas inscritas nelas como um conjunto de fatos inquestionáveis” (HALL apud STAM, p. 52). Assim, do ponto de vista do roteiro que apresenta as personagens Deveaux e Luke brancas, mas o cargo do medo atrelado a tensão fica a cargo das personagens negras, o vodu, as conjuras sacrificiais, esse olhar da personagem Caroline numa incessante busca de escrutinar a religião e práticas do outro, formam a amálgama para sustentar um enredo cujo gênero é suspense mas, por detrás, noções exóticas e atreladas ao mal estão lá.

Essa cena só serve pra apresentar o ponto de vista de deveaux que é a negra, Cecile, mas, lá na frente é possível afirmar que de fato ambas as personagens são do mal e foi justificado o ocorrido com elas, esse mal é mais acentuado no fim da narrativa... A cena na qual temos o ponto de vista de Deveraux acerca do ocorrido na mansão no século XIX quando banqueiros e homens de elite encontraram seus filhos conjurando com os escravos da casa o hoddoo temos a descrição da cena marcada com um tom sublime. Mesmo sendo a personagem negra Mama Cecile no corpo de Deveraux que descreve o ocorrido fica notório que as personagem que comungam do mal é Cecile e Justify. Apesar da cena na qual as personagens algozes (banqueiros e donos de café) enforcam os escravos da casas e cospem em tom de furor temos o mal ao lado das vitimas. Essa construção cénica serve para contribuir na sedimentação do ponto de vista do telespectador que precisa ter bem determinado o que cada qual representa naquela narrativa.

Perto de encerrarmos essa seção, é notório que o cinema de base hollywoodiana prossegue a velha ordem hegemónica no que se refere a representação de personagens e da cultura negra e africana. Duplamente ambíguo, do ponto de vista formal, tais narrativas utilizam da mesma maquinaria de Hollywood e seguem os mesmos procedimentos estilísticos já exauridos pelo cinema; Do ponto de vista temático há uma tentativa de representação e subversão desse esquematismo mas o mesmo é fadado ao fracasso (no quesito representação) uma vez que, o olhar cénico segue a mesma estrutura eurocentrada e de ordem hegemónica.

Posta essa discussão, a próxima seção objetiva analisar que dentro do próprio cinema hollywoodiano o mesmo impõe-nos alguns dilemas e contradições no qual, se, usado corretamente ajuda-nos a refletir sobre esse olhar racista que pedura no Ocidente e como revertê-lo e subverter tais narrativas usando o próprio discurso do opressor.

RESSIGNIFICANDO O DESFECHO DE A CHAVE MESTRA: POSSIBILIDADE DE TRANSGRESSÃO POR PARTE DO TELESPECTADOR

O racismo em *si* é contraditório. Ele estabelece uma relação de desejo e repulsa no processo de dominação do corpo do outro. Como o racismo em *si* apresenta suas ambiguidades, todo os mecanismos operacionais que constituem esse também o são. Estritamente, refiro-me à Cultura e seus desdobramentos como difusores [Literatura, Cinema, Artes de modo geral]. O foco aqui, é a discussão em torno do objeto que constitui essa análise, a narrativa fílmica *A chave mestra*. O preambulo anterior, ajuda-nos a compreender que o desfecho deste filme também possibilita uma outra chave de leitura-interpretação. Do mesmo modo, em *Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política* de Walter Mignolo (2007, p. 305) propõe ao leitor que “Precisamos desatar o nó, aprender a desaprender, e reaprender a cada passo”. Nesse sentido, uma outra leitura possível empreendido às personagens é se esses não são as figuras vitimadas nesse processo de violência ao corpo e todo o processo de conjura do *hoodoo* bem como as estratégias de tomada de novos corpos não são uma metáfora que nos possibilita pensar estratégias na qual os corpos negros foram obrigados a adotarem como forma de perpetuação da sua cultura. A partir dessa chave de leitura, a caracterização das personagens, a descrição dessas construídas a partir do roteiro como demonizadas ficam subjacentes se olharmos como os grupos étnicos e raciais foram obrigados ao longo do processo de colonização à adotar estratégias como modo de sobrevivência diante dos mecanismos de tortura e genocídio.

Retomando os postulados de Mignolo, mediante o processo de racialização é necessário “Usar o discurso do Outro, a construção imposta do Outro como forma de ressignificar, sendo uma estratégia de resistência”. Se criarmos um quadro comparativo entre os atos de Mama Cecile e Papa Justify e os barões e bancários daquele período escravocrata é notório que esse último tem utilizado de uma matriz de poder e violência infringida aos corpos, línguas e religiões como forma de reprimir toda manifestação cultural. A ambiguidade neste caso consiste na necessidade de hollywood produzir filmes na qual o protagonismo seja de personagens negras —o que de fato tem-se em *A chave mestra* — mas ao mesmo tempo, o gesto de encenação e representação dessa é marcado por preceitos da hegemonia e resquícios do eurocentrismo que figura tais produções fílmicas. Como os países latino americanos são, na sua maioria, afetados pela cinemática estadunidense e pelos seus produtos culturais é necessário adotar essa

estratégia de utilizar o discurso do outro e ressignifica-lo, a fim de, subverter a base do pensamento Ocidental.

Após o processo de sinalizar no objeto essa representação equivocada, o objetivo é pensar a estratégia de reversão e as contradições que tais produtos culturais apresentam. Desse modo, o desfecho cênico de *A chave mestra* é prefigurado com a descoberta por parte do telespectador que Papa Cecile e Mama Justify conseguem mais uma vez realizar com sucesso o Ritual Conjura de Sacrifício. O filme tenta apresentar uma noção incomum de desfecho concluído, isto é, a impressão para o telespectador médio é que o mal impera no final. Por meio desse desfecho, abre uma possibilidade para reflexão que o gesto de troca de corpo representa uma tentativa de perdurar os elementos culturais nos quais foram estigmatizados, amplamente destruídos e demonizados no processo de colonização. Também, nas últimas décadas, com a abertura dos Estudos Culturais, não só houve uma retomada por parte dos grupos étnicos reivindicando como suas culturas e religiões foram deturpadas em vários âmbitos ao longo da tradição eurocêntrica, mas também, o cinema e outras expressões artísticas tenderam a criar novas armadilhas de representação desses grupos um pouco mais atenuada tendo em vista angariar para o mercado lucrativo esse público-telespectador e ter o público hegemônico com prazer diante dos desfechos e construções de personagens e roteiros racistas ou duvidosos.

Em *Falar a verdade ao poder*, Edward Said confronta e conclama o intelectual e estudiosos do século XXI, ratificando o papel desse diante da cultura e das instâncias institucionais tem sido “questionar para não dizer subverter o poder da autoridade (SAID, p. 94, 1993). Indo na direção dessa proposição parece-nos que sobra aos pesquisadores do campo da Crítica Cultural perceber as discontinuidades do discurso hegemônico e da construção de um *logos* pautado em noções equivocadas acerca do homem branco do Ocidente e dos homens e mulheres que representam outras culturas. Numa perspectiva interseccional e feminina a escritora e feminista Chimamanda Adichei propõe uma leitura mais contemporânea da Nigéria como ficcionista. Nesse sentido, tais escritores, cineastas propõe-se a pensar novas formas de construção das bases das identidades que constituíram seus povos e suas culturas de modo que se afaste o caráter estereotipado e estigmatizado sobre os sujeitos que constituem os países do continente africano. Reivindica-se, portanto, a possibilidade de falar sobre si, e, por vezes, quando essas narrativas fílmicas emergem marcada por uma gênese estadunidense haja a possibilidade de combatê-la e repensar suas contradições e tensões.

Perto de encerrarmos, a imagem do negro forjada sempre serviu de mote para criar narrativas espetacularizadas, isso já não é novidade dentro do campo dos estudos étnico-raciais e das representações. O ponto de confronto para pesquisadores e intelectuais é: O que fazer com isso? Como lidar com esse desejo por uma cultura marcada pelos elementos que firmaram a

colonialidade no século XIX? A possibilidade de lidar com tais artefatos culturais ajuda-nos a pensar e produzir uma nova *epistemê* tendo em vida a descolonização do linguagem, cultura e dos elementos que a circundam. Como mencionado no início dessa seção, sendo, o racismo uma prática contraditória ela estabelece um desejo e repulsa e, do mesmo modo, impõe que seus elementos difusores também apresentem contradições internas. O legado da tradição eurocêntrica e nos países que sofreram no processo colonização parece não findar e se exaurir com facilidade, a saída que resta ao intelectual é ressignificar suas práticas até que naturalmente o gesto de combate seja entendido pela velha tradição hegemônica e abandonado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perto de encerrarmos essa análise, é preciso retomar que uma das estratégias do cinema padrão hollywoodiano é criar mecanismos para atrair variados tipos de telespectadores. Desse modo, do telespectador que procura um filme menos denso àquele que procura filmes que promovam um olhar crítico sobre as discussões que emergem no que tange corpo, relações étnicas raciais e sexualidade. Dito isto, como difusor de mercadorias para variados públicos, o cinema utiliza de mecanismos diversos que promovem um olhar reflexivo sobre questões relegadas outrora pelo cinema ou representada de modo dubio. No primeiro segmento, fica-nos evidente que as atuais representações ainda recorrem as ordem incrustradas na longa tradição hegemônica e que reforça estereótipos e estigmas da cultura do Outro. Na segunda seção, buscamos fazer uma rasura dentro do próprio produto do opressor, ressignificando, por meio das suas contradições internas e potencializando uma outra leitura possível da narrativa, uma vez que, os países latino americanos recebem em larga escala as produções da cinematografia hollywoodiana.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DIAWARA, Manthia. *O espectador negro: Questões acerca de identificação e resistência* [2004]. In: Urso de Lata, 13/12/2016. Disponível em <https://ursodelata.com/2016/12/13/traducao-espectador-negro-problemas-acerca-da-identificacao-e-resistencia-manthia-diawara/>, acesso em 11/01/2019

DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MINGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: As conferências de Reich de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Tradução Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FILMOGRAFIA

A chave mestra. Direção: Iain Softley. Produtores: Iain Softley, Daniel Bobker, Michael Shamberg e Stacey Sher. Estados Unidos. 104 min. Color. Ano: 2005.